

Ensaio sobre a pluralidade epistemológica da Geografia na escola

Em seu âmago, a Educação Geográfica constitui-se como conhecimento que estrutura a leitura do mundo, cumprindo uma função social importante, ao possibilitar múltiplas formas de compreender a realidade dos lugares onde se vive e das relações entre a sociedade e a natureza (CASTELLAR, 2017). E, se a Geografia é uma forma de pensar (GOMES, 2017) a reflexão epistemológica sobre o conhecimento geográfico e sobre a educação geográfica, questiona-se os paradigmas estruturais vigentes, métodos e teorias, trajetórias e também as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos e os objetos de análise que as sustentam.

Assim, a reflexão epistemológica coloca à prova a coerência e a pertinência do que é pensado, dito e realizado, seja em suas relações com o que se estabeleceu como fundamentos ou ponto de partida, seja da lógica interna do pensado, do dito e do realizado. E, ao se colocarem à prova, volta-se a si mesmo, perguntando se resistem a si mesmos. Essa atitude epistemológica envolve também o imbricamento entre conhecimento acadêmico, conhecimento escolar e vernacular. Neste contexto, a história do pensamento geográfico nos ensina de forma didática a metamorfose pela qual passou e passa a ciência geográfica, e como ela influencia e é influenciada pela educação geográfica pensada e gestada para a escola.

Essa metamorfose possibilita a reinvenção da realidade, sendo o anúncio de um começo: o fim de uma tradição e o início de outra (BORNHEIM, 1996). E, nesse contexto, não precisamos necessariamente ser especialistas em teoria do conhecimento geográfico, mas urge conhecer e indagar como este conhecimento se constrói historicamente, e quais os significados que assume na atualidade em nossas salas de aula. Este questionamento crítico, que é também epistemológico, tem o propósito de mostrar que as pessoas são muito mais livres do que pensam, e que as pretensas

verdades produzidas num determinado período histórico, podem ser criticadas e eventualmente destruídas (FOUCAULT, 2004). Essa libertação, ou ainda transgressão (HOOKS, 2017), permite que ensaiemos a mudança estimulando aquilo que julgamos positivo, defensável e significativo em dado tempo e espaço.

E, ao mesmo tempo, nos estimula a promover uma educação geográfica mais humana e sensível aos preconceitos (étnicos, religiosos, sexistas, geracionais, sexuais, capacitistas, entre outros), uma educação geográfica que emocione, sustentada pelos princípios da compaixão, da consciência de classe, do senso de justiça, pelo respeito às diferenças. Partindo destas reflexões propomos este dossiê, cuja essência promove a reflexão epistemológica acerca da Educação Geográfica. Nesse sentido, dialogamos com pesquisadores que tratam de diversas perspectivas associadas a esta temática, possibilitando a pluralidade epistemológica crítica, proposta central deste Dossiê intitulado **As Epistemologias da Educação Geográfica**.

Começamos nossa reflexão com o texto do professor Jorn Seemann intitulado **A educação cartográfica precisa de uma epistemologia? Tradições e transições na cartografia escolar brasileira**. O autor discorre sobre a constância nas últimas décadas do debate acerca das filosofias do conhecimento a partir de uma variedade de abordagens, que, contudo, não ressoam de modo significativo sobre as teorias e metodologias na educação cartográfica. Para Seeman o ensino sobre e com mapas adota ideias bem-estabelecidas, estando reticente em aceitar modos alternativos. Assim, Seeman analisa, a partir da epistemologia, as visões cartográficas existentes no contexto da cartografia escolar no Brasil, apontando tradições, transições e tendências que consolidam princípios padronizados e fáceis de seguir, mas que podem coibir a diversidade de abordagens possíveis. Na visão do autor, a revisão e reformulação de princípios, práticas, conceitos e temas específicos podem fortalecer uma visão inclusiva, diversificada e pluralista na educação cartográfica que possa servir como instrumento útil para uma cartografia cidadã no Brasil.

No texto **A necessidade de fazer teoria para observar a realidade territorial dos problemas sociais**, Xosé Manuel Souto González nos brinda com uma reflexão sobre alguns princípios que permitem compreender o ambiente geográfico e suas implicações para qualificar a aprendizagem escolar. González argumenta a tarefa complexa de teorizar sobre os 'espaços vividos', 'percebidos' e 'concebidos', para conhecer com mais refino os fatores que explicam os problemas e questões sociais em um palco territorial. Assim, contestando as rotinas acadêmicas que consideram a geografia um conhecimento 'natural' e 'estável', González reflete sobre a necessidade

da aprendizagem de conceitos, habilidades e atitudes necessárias à Educação Geográfica na atualidade.

No artigo **A potência da narração na educação geográfica: uma reflexão epistemológica** os pesquisadores Marcia Alves Soares da Silva, Ricardo Devides Oliveira e Francisco de Assis Gonçalves Junior trazem um ensaio reflexivo sobre a busca por uma educação geográfica que seja plural e diversa, e que possibilite uma conexão mais profunda e sensível do sujeito com o mundo. E, nessa trilha de pensamento os autores acreditam que a narração tem uma potência reveladora dessas possibilidades na medida em que permite (re)mobilizar o lado artístico da Geografia. Partindo do pressuposto que o diálogo entre Ciência e a Arte esteve, por muito tempo, adormecido no interior das reflexões epistemológicas da Geografia, o texto faz uma crítica ao domínio da hiperespecialização científica organizado pelo método pragmático-positivista e aos modos de fazer e pensar Geografia, que, foram, em alguns momentos, reduzidos e limitados, por exemplo, às operações estritamente descritivas; e, ainda hoje, a despeito dos avanços nas áreas correlatas, sofre com o reducionismo das possibilidades de leituras de mundo. É um artigo de cunho teórico e conceitual reforçado pela pesquisa exploratória e revisão bibliográfica que dialoga com autores e tenta apontar para caminhos que ampliem o debate epistemológico na ciência e na educação geográfica.

Em **Educação Geográfica nos Currículos Catarinenses: Episteme em evidência (1998 a 2019)** escrito por Kalina Salaib Springer e Rosemy da Silva Nascimento se debruçam sobre três referenciais curriculares: Proposta Curricular de Santa Catarina — Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação Docente para educação Infantil e Séries Iniciais de 1998, Proposta Curricular de Santa Catarina — Formação Integral na Educação Básica de 2014, e o Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense, este último preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e publicado em 2019. Springer e Nascimento (2022) refletem sobre a construção destes referenciais curriculares, quais os pressupostos filosóficos e os fundamentos teórico-metodológicos que alicerçam a Geografia gestada por estes documentos, e que, conseqüentemente, desvelam qual Geografia Escolar se materializa em determinados tempos e espaços. O texto entrelaça a história do pensamento geográfico, a história das disciplinas escolares, e também às teorias curriculares, a fim de compreender os conhecimentos geográficos presentes no currículo catarinense ao longo do período analisado, identificando sincronias e diacronias.

Na sequência, a professora Carina Copatti no texto **Em busca de uma epistemologia na formação de professores de Geografia: percurso pelo pensamento pedagógico-geográfico de professor** se propõe a refletir sobre as bases epistemológicas inerentes aos conhecimentos e saberes necessários à docência, compreendendo os constructos que envolvem distintas perspectivas e que contribuem na construção de um modo de pensamento de professor. A autora defende a construção do que denomina de ‘Pensamento Pedagógico-Geográfico de Professor’ (PPGP), que envolveria um amplo espectro de elementos oriundos da Ciência Geográfica e da Geografia escolar, não se limitando a elas. Envolver também a Educação e seus processos pedagógicos, e cultura e suas singularidades e outros movimentos implicados na construção do pensamento do professor. E, assim, busca responder, quais conhecimentos e saberes são essenciais à formação de professores de Geografia e que constituem o Pensamento Pedagógico-Geográfico de Professor?

No próximo artigo, denominado **O caminho epistemológico para educação inclusiva: um ensaio sobre crianças com deficiência visual**, Luciana Maria Santos de Arruda discute a educação inclusiva a partir do entendimento da educação enquanto direito universal, resultado de conquistas sociais, e também da compreensão da diferença como uma realidade humana, um fator construtivo e constitutivo, que se expressa nas práticas da educação escolar. A autora contrapõe-se epistemologicamente às teorias e epistemologias ditas ‘clássicas’ da educação que se fundamentam em princípios como: homogeneidade, a funcionalidade e a evolução, estando associada a um saber que se diz universal, com dificuldades de atribuir veracidade aos outros saberes (originais). Partindo destas premissas, Luciana Arruda escreve este texto refletindo sobre os caminhos que possibilitam a construção dos conhecimentos geográficos pelas crianças cegas. A Geografia Humanista e a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski ofereceram o suporte teórico e epistemológico para a construção de materiais didáticos táteis, incluindo um livro tátil para e com crianças cegas em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental no Instituto Benjamin Constant (IBC).

Em **Da sequela docente à querela epistemológica: o ensinar cansado de uma Geografia enferma** Antonio Bernardes, Felipe Costa Aguiar e Regina Célia Frigério, ensaiam, a partir do adoecimento dos professores de Geografia, reflexões sobre a Epistemologia da Educação Geográfica e as bases filosóficas que sustentam a Geografia Escolar. O artigo discorre que a Educação Geográfica em sua pluralidade de sentidos e objetivos entra em conflito com as condições de trabalho docente na prática cotidiana, gerando adoecimento e impedindo o cumprimento de realizações pessoais e

profissionais, vinculados à Educação Geográfica. É um texto denso e necessário, não somente para reconhecimento deste adocimento, mas também para o desenvolvimento da empatia profissional.

E, para concluir esse dossiê temático, apresentamos o texto de Adilson Tadeu Basquerote Silva nomeado de **Museus pedagógicos como recurso didático e epistemológico para a Educação Geográfica: uma proposta didática de cartografia com base nos pressupostos de modelagem na Educação**. Adilson Silva traz uma reflexão sobre a importância dos museus pedagógicos como recurso pedagógico e epistemológico para o ensino de Geografia, advogando que estes espaços desafiam a vivenciar situações-problema, possibilitam informar, atualizar, conhecer, estudar e investigar os instrumentos pedagógicos e epistemológicos construídos e utilizados ao longo do tempo. As reflexões tecidas ao longo do artigo se fundamentam nos pressupostos da Modelagem na Educação e articulam-se ao uma experiência ocorrida no Museu Pedagógico La Última Escuela, de Otones de Benjumea, Torreiglesias, Segóvia, Espanha.

Por fim, desejamos que este Dossiê possa ampliar seu espectro de conhecimento sobre a epistemologia conforme as diversas possibilidades de reflexões que ocorrem nos palcos escolares e que refletem no cotidiano, no pensamento e educação geográfica.

Boa leitura!

Organizadores

Kalina Salaib Springer
(UFSC)
Rosemy da Silva
Nascimento
(UFSC)
Francisco de Assis
Gonçalves Junior
(UFMT)

Referências

CASTELLAR, Sonia M. V.; JULIASZ, Paula Cristiane S. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. *Acta Geográfica*, v. 1, 2017.

GOMES, Paulo César da Costa. Quadros Geográficos. uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

BORNHEIM, Gerd. Crise da ideia de crise. In: NOVAES, Adauto (org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, M. Verdade, poder e si mesmo. In: . *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.

